

— Olha, pelo menos, eu lavo a cara — continuou Polly —, que era o que tu precisavas de fazer, sobretudo depois de teres estado... — Foi então que se interrompeu. Ia a dizer «depois de teres estado numa choradeira», mas pensou que era indelicado.

— Pois estive, e depois? — perguntou Digory num tom de voz ainda mais estridente, tão infeliz que já nem se importava que soubessem que tinha estado a chorar. — Tu terias feito exactamente o mesmo se tivesses vivido toda a vida no campo, onde tinhas um pônei e um rio ao fundo do jardim e depois te tivessem trazido para viveres num buraco como este.



— Ora, Londres não é buraco nenhum — retorquiu Polly, indignada.

O rapazinho estava, porém, demasiado perturbado para lhe dar atenção e prosseguiu:

— E se o teu pai estivesse na Índia e fosses obrigada a viver com a tua tia e o teu tio que, ainda por cima, é maluco? Gostavas? E se isso acontecesse porque a tua mãe precisava de alguém que tratasse dela porque estava doente e talvez fosse... fosse... morrer? — Nesse momento o seu rosto contorceu-se como quando estamos a tentar conter as lágrimas.

— Desculpa. Não sabia — retorquiu Polly com humildade. — O Senhor Ketterley é mesmo maluco? — perguntou, por não saber o que dizer e também para atrair o espírito de Digory para coisas mais alegres.

— Bem, se não é maluco, tem de haver um mistério qualquer. Ele tem um escritório no último andar e a tia Letty disse-me que nunca lá fosse. Isso já é bastante suspeito, mas ainda há outra coisa. Sempre que ele tenta falar comigo às refeições (e olha que ele nem sequer fala com a minha tia), ela manda-o logo calar e diz: «Não aflijas o rapaz, Andrew»; ou: «De certeza que o Digory não está interessado nisso»; ou ainda: «Então, Digory, não te apetece ir brincar um bocadinho lá para fora?»

— Que espécie de coisas tenta ele dizer-te?

— Não sei. Ele nunca adianta grande coisa. Mas há mais. Uma destas noites (na realidade, foi a noite passada), quando eu ia a passar pelas escadas que levam ao sótão a caminho da cama (e digo-te que não me agrada nada passar por lá), tenho a certeza de que ouvi um grito lá em cima.

— Hum... Talvez ele seja casado com uma louca e a tenha lá trancada.

— Também já pensei nisso.

— Ou então vais ver que é um falsário.

— Ou se calhar foi um pirata, como o homem no princípio de *A Ilha do Tesouro*, e está sempre escondido dos antigos companheiros de bordo.

— Que emocionante! — exclamou Polly. — Não sabia que a tua casa era tão interessante.

— Talvez te pareça interessante, mas não lhe achavas piada nenhuma se lá tivesses de dormir. Gostavas de estar deitada, acordada, a ouvir o tio Andrew percorrer pé ante pé o corredor para onde dá o teu quarto? E os olhos dele são tão medonhos!...